



Ícaro Vilaça\*

## Cine-Teatro-Rua

### Possibilidades para o fim-de-linha do Uruguai<sup>1</sup>

No imaginário dos soteropolitanos, Alagados remete à memória das palafitas, nome pelo qual conhecemos os barracos de madeira apoiados em estacas sobre a Enseada dos Tainheiros. Até hoje, os moradores mais antigos do bairro frequentemente relatam, apontando para o chão: “aqui era tudo maré”. As primeiras palafitas surgiram no final da década de 1940 e permanecem até os dias atuais, em paralelo aos aterros e inúmeras intervenções realizadas pelo Estado.

Minha aproximação com Alagados se deu por conta do Atelier<sup>2</sup> coordenado por Paola Berenstein Jacques e Eduardo Carvalho, que elegeu o bairro como laboratório. O processo de pesquisa e de interlocução com os moradores evidenciou, a relativa estabilidade de determinados limites internos, que apesar de não estarem fisicamente colocados, se operam com força surpreendente, reduzindo a permeabilidade e a possibilidade do encontro (e, portanto, da troca) entre os que moram no miolo do bairro e os que moram na borda, sobretudo na área conhecida como “Maré”, próxima ao Fim-de-linha do Uruguai. Engendradas a partir dos processos de subjetivação dos moradores, essas territorialidades (apesar de vivas e transitórias) condicionam a permanência, a ausência, os percursos e os desvios.

Naquele momento, o trabalho acabou apontando para uma atuação micropolítica capaz

\* arquiteto-urbanista, graduado Faculdade de Arquitetura UFBA



*Palafitas em Alagados.*

de desestabilizar estes limites internos, a partir da percepção de que interferir em espaços vividos, através da construção de determinadas situações, poderia ser tão potente quanto o desenho de espaços físicos.<sup>3</sup> Este processo, que culminou com a “ação piscina” (ver imagem), apontava para a possibilidade de construção de uma metodologia

urbanística capaz de pensar a cidade a partir do campo, tendo como base a noção de experiência, a relação com o outro e o engajamento direto do arquiteto-urbanista no processo.

Depois de um ano trabalhando no bairro, imaginei que o Trabalho Final de Graduação seria uma oportunidade interessante para estruturar um desdobramento daquela experiência. Desafiei-me a pensar um projeto urbano “processual”, concebido a partir do agenciamento dos desejos coletivos, para contrapor os projetos espetaculares com os quais estamos acostumados. Para tanto, elegi como foco do trabalho a reestruturação urbanística do Fim-de-linha do Uruguai (um dos únicos espaços livres do bairro, que permanece subutilizado durante quase todo o dia) e a reativação do Cine-Teatro Alagados, em ruínas há pelo menos 20 anos.

Uma intervenção como essa, além de reforçar uma necessária política de descentralização no acesso a áreas urbanas bem infraestruturadas, poderia ser capaz de criar as condições de possibilidade necessárias para o reforço das relações de permeabilidade entre o próprio bairro e a cidade de Salvador.

*Cartografia realizada a partir da sobreposição dos relatos dos moradores do miolo e da borda de Alagados. As regiões de cor quente são mais permeáveis que as de cor fria.*





*“Ação Piscina”: montagem de piscinas de plástico, com a ajuda dos moradores, para estimular o uso público de espaços que não são frequentados, abrindo caminho para o desejo de novas configurações físicas e simbólicas para esses espaços*

O objetivo seria então repensar o Fim-de-linha do Uruguai e o Cine-Teatro Alagados para que eles se convertam em espaços capazes de oferecer as condições necessárias para dar suporte a um uso público intenso e diverso, permanecendo abertos para a explicitação dos dissensos e configurando-se não como vazios, mas como cheios de possibilidades. Para tanto, era fundamental levar em conta o desejo das pessoas que configuram e reconfiguram cotidianamente estes espaços como ponto de partida para o trabalho. Era preciso, portanto pensar numa tática para enfrentar o problema de **como projetar a partir da interlocução com o outro**.

A experiência em Alagados já apontava para a potência do jogo como um instrumento capaz de instaurar uma situação de troca entre os pesquisadores e os moradores do bairro. Mas e agora, que jogo seria? Teria que ser um exercício de imaginação, um jogo que possibilitasse “imaginar junto”. Pensando um pouco, essa ação de “imaginar” me fez pensar na imagem como dispositivo

que opera o desejo. Dos jogos que lidam com a construção de imagens, talvez o quebra-cabeça seja o mais comum. Seria o jogo perfeito, mas com uma diferença fundamental: o quebra-cabeça articula a construção de uma imagem já planejada, o que o jogador faz é tão somente a reconstituição desta imagem. A partir daí, comecei a pensar um quebra-cabeça que possibilitasse a construção de várias imagens e não da imagem. Um quebra-cabeça em aberto, capaz de cartografar o desejo, de indicar vários caminhos, cenários possíveis para o Fim-de-linha do Uruguai.

Mas nesse caso, o que as peças do quebra-cabeça poderiam ser? Comecei a pensar no pixel. Com o advento do computador, as imagens passaram a ser compostas por infinitos pontos de cor que, agrupados desta ou daquela maneira, acabam definindo contornos e sugestões de volume. Quanto mais nítida for a imagem (quanto maior a resolução), mais *pixels* ela tem. Hoje em dia, as imagens publicitárias costumam ter muitos *pixels*. É compreensível. Querem apresentar nossos futuros



*Canteiro central do Fim-de-linha do Uruguai, espaço importante que permanece subutilizado ao longo de todo o dia*



*Cine-teatro Alagados em ruínas*

objetos de desejo com a maior nitidez possível, para que saibamos diferenciar bem um *iphone* de um celular comum. Mas no caso de Alagados é bem diferente. Aqui não estamos falando de desejos enlatados, mas de desejos a ser construídos. Estamos falando de imagens imprecisas, hesitantes, borradas, pixeladas. Imagens em processo. Portanto, que pixels seriam esses? Luz, sombra? Silêncio, ruído? Cimento, terra, grama, madeira, água? Espaço livre, comércio, cine-teatro? Planta, bicho, criança, adulto, velho? Lixeira, banco, mesa, brinquedo, poste? E polícia, será que precisa?

Fui buscar as respostas em campo, com o quebra-cabeça em mãos. Apesar de já saber que os resultados seriam fragmentários e imprecisos, eles seriam importantes para indicar alguns caminhos e cenários possíveis para o Fim-de-linha do Uruguai. Caminhando um pouco com o jogo, fui encontrando pessoas dispostas a conversar. Os moradores eram convidados a “imaginar como o Fim-de-linha do Uruguai poderia ser”. Depois eu mostrava os dados do quebra-cabeça e as imagens

começavam a se formar. Havia alguns dados em branco para registrar desejos que não haviam sido previstos.

Foram 12 jogos no total, e os resultados foram surpreendentemente parecidos. O jogo se revelou um dispositivo interessante porque permitia estabelecer uma linguagem comum. Apesar de em geral as imagens terem sido compostas de forma abstrata, apenas como “composições” dos signos nos dados, alguns jogadores foram mais cuidadosos com as relações entre as peças do quebra-cabeça. Uma senhora me surpreendeu ao mudar de lugar um dado que retratava um banco de praça, achando que ele ficaria melhor ao lado da área gramada, para que ela pudesse “ficar olhando as crianças”.

Em geral todos os jogos enfatizaram o desejo por grandes áreas verdes ensolaradas, presença de árvores, equipamentos como banheiros públicos, lixeira, ponto de ônibus e policiamento. Grande parte dos jogadores também relatou que o novo Fim-de-linha deveria ser ruidoso ao invés de silencioso e deveria contar com camelôs ou pelo

Jogo dos Desejos em Alagados



Possibilidades para o Fim-de-linha do Uruguai:  
área verde bastante ensolarada, cheia de gente, calçadas, bastante iluminação natural e artificial, piscina, crianças, policiamento, feira, “delicatessen de qualidade”, barzinho “de família”, sorveteria, creche, quadra de esportes





*Reestruturação viária proposta a partir da retirada do Fim-de-linha*

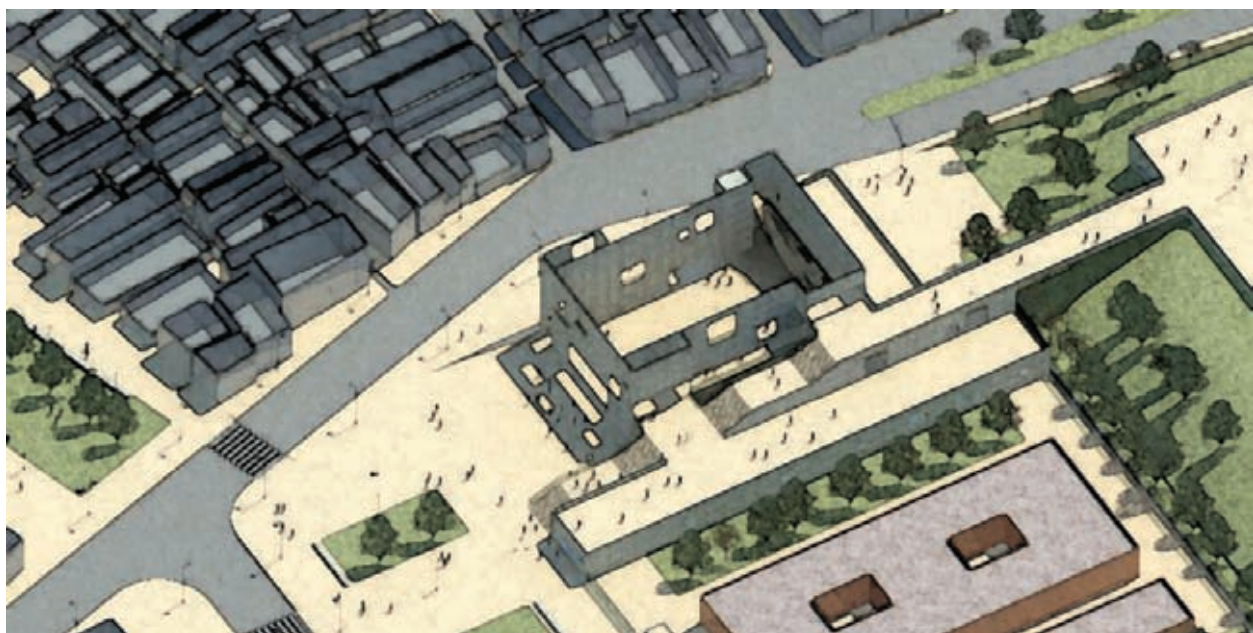
menos com vendedores ambulantes. Os jogadores foram unânimes em relação ao desejo de reabrir o Cine-teatro Alagados.

Pensando na possibilidade de planejar um processo ao invés de uma intervenção fechada numa lógica antes/depois, comecei a definir uma primeira configuração que estrutura a intervenção e pelo menos mais dois momentos posteriores que seriam na verdade possíveis desdobramentos desta primeira configuração. Os intervalos entre os diferentes momentos da intervenção efetuariam a possibilidade de que os usos e a própria percepção dos moradores em relação ao espaço promovam desvios neste planejamento.

Portanto, as configurações subsequentes à primeira seriam apenas propostas preliminares de projeto, uma vez que não é apenas possível, mas desejado que haja modificações à medida que os usos “atualizem” a intervenção proposta inicialmente.



*Possibilidades de uso do Cine-teatro-rua, por Amine Portugal.*



*Consolidação estrutural da casca do Cine-teatro Alagados*




*Possibilidades de uso do Cine-teatro-rua, por Fábio Steque*

Nessa perspectiva, as interferências mais importantes a serem realizadas num primeiro momento dizem respeito à reestruturação viária do Fim-de-linha, visando estabelecer uma grande área verde no bairro (desejo quase unânime dos moradores) e a **retomada imediata do Cine-teatro Alagados**, fazendo com que ele passasse a abrigar atividades culturais sem negá-las em seu caráter público e aberto para o bairro. O objetivo seria então promover uma ocupação imediata deste espaço, promovendo então sua requalificação gradual a partir dos usos que serão experimentados aí. Para tanto, a intervenção deverá se pautar pela consolidação estrutural da “casca” do Cine-Teatro Alagados, onde ao mesmo tempo seriam criados alguns vazios de forma a promover uma grande permeabilidade com o ambiente externo, criando um espaço que se comporte ao mesmo tempo como dentro e fora, cine-teatro e praça. Com isso, a “casca” do Cine-Teatro poderá então ser utilizada interna e externamente, abrigando espetáculos dos grupos artísticos da comunidade, exposições de filmes e o que mais for possível.

Naturalmente, também é extremamente importante que as intervenções no Fim-de-linha do Uruguai sejam acompanhadas por investimentos em infraestrutura (macro drenagem, redes de água e esgoto), além da pavimentação de calçadas e arborização dos mais diversos espaços, visando superar precariedades que já perduram por décadas.

Além disso, nos novos espaços projetados, seriam instalados em diversos lugares dispositivos provisoriamente chamados de Módulos de Construção de Situações (MCS), que na verdade consistem tão simplesmente em pontos de água e eletricidade que poderão ser utilizados por qualquer

um, de forma a estimular uma grande diversidade de usos. Crianças poderiam utilizar os MCS para tomar banho de mangueira ou encher piscinas de plástico, vendedores ambulantes e camelôs poderiam “plugar” suas barracas e carrinhos na rede elétrica, artistas de rua teriam possibilidade de fazer performances que demandam equipamentos eletrônicos, os moradores poderiam instalar equipamentos de som ou mesmo televisões no final de semana. Com o passar do tempo, alguns destes usos acabarão se consagrando, podendo ser consolidados nas etapas posteriores.

Conforme dito pela arquiteta Silvana Olivieri, que acompanhou o desenvolvimento do trabalho, este projeto aponta para a ideia de um “urbanismo pouco a pouco”. Nessa perspectiva metodológica, o lugar é pensado a partir de sua potência de uso. Ao contrário dos projetos espetaculares, cheios de falsas certezas e determinações, neste urbanismo “em processo” os espaços se configuram pouco a pouco, comportando-se como campo aberto de possibilidades. 

## Notas

<sup>1</sup> Trabalho final de graduação defendido na Faculdade de Arquitetura da UFBA. Banca: Eduardo Teixeira de Carvalho, Naia Alban, Paola Berenstein Jacques (orientadora) e Silvana Olivieri.

<sup>2</sup> Disciplina de projeto da graduação em Arquitetura e Urbanismo na FAU-UFBA.

<sup>3</sup> Segundo Daniela Brasil, “se pensarmos que as cidades são materiais e imateriais, que são feitas de situações, encontros e práticas, atuar e interferir em ‘espaços vividos’ pode ser mais efetivo do que desenhar e planejar ‘espaços físicos’”. Dessa forma, ela propõe “uma apologia ao microubanismo e aos pequenos gestos cotidianos: urbanismo pode ser aqui e agora”. (FESSLER VAZ, Lilian; ANDRADE, Luciana; GUERRA, Max Welch. *Os espaços públicos nas políticas urbanas: estudos sobre o Rio de Janeiro e Berlim*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.)